

O SUSCITAR DAS PAIXÕES: *A Retórica de uma Vida*

*Homenagem do Grupo ERA ao
professor Luiz Antonio Ferreira*

Acir de Matos Gomes
Ana Lúcia Magalhães
Cláudia Borragini Abuchaim
(Organizadores)

2021

O Suscitar das Paixões: a Retórica de uma Vida

© 2021

Editora Edgard Blücher Ltda.

Revisão Técnica:

Cláudia Borragini Abuchaim

Revisão Ortográfica e Bibliográfica:

Cláudia Borragini Abuchaim

Sílvia Borragini Abuchaim

Diagramação e Capa:

Moara Juliana

Realização:

Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos

Conselho Editorial:

Claudia Mastromauro Cerveira Quintas

Joelma Batista dos Santos Ribeiro

João Hilton Sayeg-Siqueira

Márcia Silva Pituba Freitas

Mariano Magri

Nathalia Melati

Sílvia Scola da Costa

Ficha Catalográfica

Editora:

Edgard Blücher Ltda.

Endereço

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Contato Editora

Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda

ISBN:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

MAGALHÃES, Ana Lúcia; GOMES, Acir de Matos; ABUCHAIM, Cláudia Borragini (orgs.). O Suscitar das Paixões: a Retórica de uma Vida. São Paulo: Blücher, 2021. 285 p.

1. Retórica. 2. Argumentação. 3. Análise do discurso.

Nº CDD nº CDD

Índices para catálogo sistemático:

1. Retórica

A publicação deste livro simboliza o grande AMOR e ADMIRAÇÃO que o Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos (ERA) da PUC/SP sente por seu líder, o professor Luiz Antonio Ferreira.

Nosso querido tio Lu (assim o chamamos) nos acolhe sempre com um sorriso sincero, profissional competente, alma iluminada.

Tio Lu nos apresenta, em suas aulas inesquecíveis, a Retórica de Aristóteles, nos envolve com seu carisma e somos fígados pelas paixões.

Este livro, singela homenagem, pretende “suscitar paixões” em seus leitores, é uma pequena parte do grande legado deste homem que acima de tudo nos ensina que o mundo acadêmico pode ser conduzido pelas paixões.

Grupo ERA

SUMÁRIO

PREFÁCIO	5
CAPÍTULO I	
A retórica do poder e o poder da retórica	9
CAPÍTULO II	
Natureza da questão retórica e a felicidade	17
CAPÍTULO III	
Quintiliano e a formação do orador	34
CAPÍTULO IV	
Inteligência retórica e vocalidade: constituição e manutenção do <i>ethos</i>	48
CAPÍTULO V	
Maria vai mesmo com as outras? <i>Ethos</i> e paixões na canção popular	62
CAPÍTULO VI	
Atos retóricos e identidade feminina: a mulher que era “aquilo”	87
CAPÍTULO VII	
Atos retóricos: do medo e da confiança	100
CAPÍTULO VIII	
Contornos retóricos do medo	114
CAPÍTULO IX	
Aspectos da graça e do risível em retórica	127
CAPÍTULO X	
Sobre o prazer e a dor de ser: efeitos patéticos no discurso epidítico	138
CAPÍTULO XI	
<i>Eudaimonia, ethos e pathos</i> : um olhar sobre o discurso político no século XXI	155
CAPÍTULO XII	
A dimensão da escrita na escola	177
CAPÍTULO XIII	
Retórica e determinação dos sentidos: as perguntas da escola e as respostas da vida	189
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	205
TRAJETÓRIA ACADÊMICA - UM BREVE RELATO	207
GRUPO ERA - ESTUDOS RETÓRICOS E ARGUMENTATIVOS	208

PREFÁCIO

Conheci, primeiramente, o Luiz Antonio por suas publicações didáticas: *Técnicas de Redação: teoria e prática* e *Aulas de Comunicação em Língua Portuguesa*. Isso marcou (e ainda marca) sua trajetória acadêmica, suscitando, nele, reflexões pedagógicas sobre todos os objetos de estudo com os quais se deparava (e se depara) nesse novo linguístico que tece a comunicação no cotidiano dos usuários de Língua Portuguesa, seja no âmbito coloquial, seja no institucional.

O investimento pedagógico começou a se espalhar pelas vertentes nas quais enveredava como grande estudioso e pesquisador, quais sejam: a oralidade, a escrita, o texto e o discurso. Tem-se, neste livro, artigos exemplares desse trabalho, ainda, em elaboração (pois, como bom retórico, não lhe passa pela cabeça a completude verdadeira de um conhecimento, é sempre verossimilhante). Por fim, após enveredamentos teórico-metodológicos nessas matérias que norteiam, hoje, o ensino da Língua Portuguesa, no Brasil, encontrou, na Retórica, o terreno fértil para ancorar a nau da inquietação e sedimentar suas pesquisas dentro do turbilhão de ideias, de preocupações e de proposições que povoam sua (fertilíssimamente) fertilíssima mente.

Retomou a pesquisa desenvolvida no doutorado: *Oralidade e Escrita: um diálogo pelo tempo* e a investiu da toga retórica, por meio da oratória e da eloquência buriladas por Quintiliano, presente em *Quintiliano e a Formação do Orador* – “A retórica é teoria do discurso construída a partir do estudo e da reflexão sobre duas propriedades humanas: a oratória e a eloquência. Nesse sentido, oratória e eloquência são realizações da retórica. A oratória vincula-se à produção do discurso; a eloquência incumbe-se de a ele dar um valor...”. Mesmo investindo nos estudos retóricos, não perdeu o foco pedagógico, o que dá a suas investigações uma qualidade singular, encontrada em *A Dimensão da Escrita na Escola* – “Na gênese da escrita, então, há uma premissa que precisa ser levada em conta em qualquer atividade escolar sobre o ato de registrarmos por meio da língua: somos seres retóricos.”

Os caminhos acadêmicos proporcionaram-me o encontro pessoal com o Luiz, nas bancas de correção de redação do vestibular da PUC-SP. Sempre muito simpático, agradável e musical, trazendo, na face, um sorriso (meio, por vezes) nervoso, mas muito sincero. Não “garramos” amizade ainda; só quando ele ingressou como professor no Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa – grande aquisição. Não só eu, mas também todos, começamos a admirar sua capacidade intelectual, sua habilidade científica, bem como sua generosidade humana.

Esse foi o ponto de partida para a largada nas ondas da Retórica, área em que ele surfa com muita competência, tendo alcançado reconhecimento nacional e estendido seus tentáculos por águas internacionais. Mas, com maestria, sabe articular seus investimentos pedagógicos iniciais com as novas ofensivas no campo da Retórica, o que se constata no artigo *Retórica e Determinação dos Sentidos: as perguntas da escola e as respostas da vida* – “A retórica problematológica, vista como a fonte das perguntas ao *logos*, pode ensinar tanto a alunos como a professores os diversos sentidos da palavra sabedoria, ao praticar, pela pergunta e busca de respostas, o exercício da capacidade humana de buscar incessantemente as interpretações do real e suas conexões com o próprio existir.”

No início, como para quase todos que fazem incursões retóricas, o olhar se voltou para a *Nova Retórica*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, encontrada em *A Retórica do Poder e o Poder da Retórica* – “A primeira função da retórica, portanto, advém de seu conceito mais antigo: persuadir (...) negociada pela argumentação: o poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico.” Porém, não parou aí, pois um cenário, muito rico e com um fosso muito profundo, se descortinou, e a mirada, de um verdadeiro arqueólogo do saber, foi parar em Aristóteles, do qual se apaixonou, principalmente, por suas paixões: cólera, calma, amor, ódio, temor, confiança (segurança), vergonha, impudência (desvergonha), favor (obsequiosidade), compaixão (piedade), indignação, inveja, emulação, desprezo.

As paixões se encontram em *Atos Retóricos: do medo e da confiança* – “A missão do orador, ..., é impregnar o auditório de paixões, de sensações diferentes ligadas às nuances infundáveis de intensidade da dor ou do prazer. Ressaltaremos, nas linhas a seguir, duas dessas paixões elencadas pelo estagirita para discutir as dimensões do medo e da coragem como fenômenos insuflados pelo discurso.” São encontradas, também, em *Contornos Retóricos do Medo* – “... o medo só existe em função do outro (seja ele qual for), pode ser provocado por artifícios retóricos bem simples ou altamente intrincados. (...) O caráter do medo é traduzido em palavras como ‘perigoso’, ‘arriscado’, ‘duvidoso’.” Defronta-se com elas, ainda, em *Aspectos da Graça e do Risível em Retórica* – “Por ser inimiga da neutralidade, a retórica incita os **humores**: quando necessário, questiona as verdades absolutas, os dogmas, as autoridades, os idealismos, conclama o auditório a tomar uma posição e, para tal, vale-se do poder incontestável das palavras de provocar o amor, a raiva, o ódio, a cólera, o ciúme, todas as paixões e reações enfim. Em busca da persuasão, articula-se para fazer rir e fazer chorar.”

As paixões trouxeram o arrebatamento e o alastramento do interesse. Aristóteles cresceu e passou a caminhar com o Luiz, como num afresco de Rafael Sanzio. E, para configurar a Retórica em seu total escopo, utilizou-se de sua própria verve e foi em busca de provas, não das argumentativas, mas das retóricas.

O discurso passou a ser explorado nas dimensões do que está dito, por quem e para quem. Desvelaram-se o *logos*, o *ethos* e o *pathos*, que renderam muitos frutos, como num pomar fértil. Registros exemplares desse empreendimento, tem-se em *Natureza da Questão Retórica e a Felicidade* – “... as provas de persuasão fornecidas pelo discurso ... são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador (*ethos*); outras, no modo como se dispõe o ouvinte (*pathos*); e outras, no próprio discurso (*logos*).”. Encontram-se, também, em *Inteligência Retórica e Vocabalidade: constituição e manutenção do ethos* – “O homem possui vocação para a descoberta de si e do outro. Essa tendência ontológica pode explicar o porquê de, um dia, em algum momento do passado, ao conscientizar-se de que, nas relações sociais, o verbo pode ser bem mais importante do que a força física, fez emergir em si o autor de sua própria fala e compreendeu (ato inteligente) o poder e as funções da voz, a tradutora das línguas.” E hodiernizam-se (dei-me o direito a um neologismo) em *Eudaimonia, Ethos e Pathos: um olhar sobre o discurso político no século XXI* – “... em estudos retóricos se considera que *ethos* e *pathos* encontram-se indissociavelmente entrelaçados e revelam discursos que expressam e traduzem formas de ver a *Eudaimonia* que, na visão de Aristóteles, é a finalidade (*telos*) maior e comum a todos os seres racionais.”

Às paixões, somaram-se outras duas, a música e as mulheres, analisadas, agora, em conjunto com as provas retóricas (o arcabouço vai se ampliando e ganhando mais consistência). Aflora, em consonância, uma formação religiosa, pois poderia ser Ana, Teresa, Rita, mas não, é Maria, progenitora e santa. Assim, debruça-se sobre o cancionero nacional e traz *Maria Vai Mesmo com as Outras? Ethos e paixões na canção popular* – “A potência da retórica, por sua vez, revela a historicidade que se constrói e os movimentos ideológicos que caracterizam um processo de construção do humano no fluir do tempo. Se as paixões, objeto de nosso texto, têm natureza universal, os nomes – ainda que perdidas as acepções originais ao longo do tempo – possuem uma espécie de ‘alma’ significativa e, portanto, características psicológicas e sociais que refletem as civilizações passadas e suas instituições. (...) Maria Virtuosa por seus predicados, revela uma essência desejada no plano ético e moral. Maria, mãe de Jesus, por sua força histórica, empresta o nome às muitas Marias comuns das canções populares.”

Ainda sobre mulheres e música, há o artigo *Atos Retóricos e Identidade Feminina: a mulher que era “aquilo”* – “A singeleza dessa criação (*Saudade da Amélia*) esconde/mostra o movimento das paixões quando observada num contexto retórico: como canção popular, alegrou o auditório brasileiro que, em algum momento no tempo, deixou-se embalar pelo discurso do outro e experimentou – em menor ou maior intensidade – as paixões evocadas.” Convém destacar, aqui o espírito crítico adotado pelo Luiz, peculiaridade similar em suas obras. Essa canção “traduz um *ethos* feminino construído sob a perspectiva do

masculino (...) é impossível tratar-se da mulher, sem que se desvende também o homem, sem que o masculino seja explicitado (...) a feminilidade (ainda) é um conjunto de atributos que a mulher precisa oferecer ao homem para financiar, nele, a virilidade. Assim, a masculinidade precisaria ser sustentada pelo trabalho ativo de produção da passividade feminina.”

Por fim, agregam-se a esse panorama retórico, a fim de completá-lo, os três gêneros aristotélicos: deliberativo ou político, que persuade ou dissuade; o judicial, que acusa ou defende; e o epidítico ou demonstrativo, que elogia ou censura. Essa é a base para o desenvolvimento do artigo *Sobre o Prazer e a Dor de Ser: efeitos patéticos no discurso epidítico* – “... um discurso pertencente ao gênero epidítico, aquele que louva ou censura algo ou alguém com o objetivo de mostrar as virtudes ou os defeitos do ser referido (...) o gênero epidítico, para além do ‘gosto/não gosto’ dos espectadores (reação normalmente esperada na tradição do gênero epidítico), pode instigar divergências, impulsionar polêmicas e revolucionar os valores fundantes do homem, ligados ao bem, ao justo, ao solidário e ao ético.” Afinal, “as paixões forjam estados de espírito.”

Esse é o meu querido amigo Luiz Antonio, ser humano excepcional. Àqueles que não têm ou não tiveram a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, fica neste livro – homenagem muito justa – um pouco dessa grandeza, antes de tudo, de alma e, acima de tudo, de competência acadêmico-administrativa: grande professor-pesquisador e hábil coordenador. Tudo neste livro vale a pena, arrisque-se e deixe-se “luizaniar no que há de bom”.

P.S. Utilizei todos os gerúndios que consegui.

João Hilton Sayeg-Siqueira